Aveiro, 9 de Julho de 1966 ★ Ano XII ★ N.º 609

Litoral

SEMANÁRIO

DIRECTOR E EDITOR — DAVID CRISTO ★ ADMINISTRADOR — ALFREDO DA COSTA SANTOS
PROPRIETARIOS — DAVID CRISTO E FRANCISCO SANTOS ★ REDACÇÃO, ADMINISTRAÇAO
COMPOSIÇAO E IMPRESSAO : EM «A LUSITANIA», R. DE HOMEM CRISTO — TEL. 23886 — AVEIRO

DEPOIMENTO

DO DR. VASCO DE LEMOS MOURISCA ● ● ●

GRILHETAS DOIRADAS

DESDE a alta antiguidade egipcia — pelo menos, desde os meados do 2.º séc. a. C. — que os estupefacientes e outras drogas da felicidade... aliciam vítimas e ensandecem os homens. Por mais que um Cocteau cante o ópio, um Théophile Gautier tenha encontrado no haschich um ilusório enriquecimento do seu universo visual, um Charles Baudelaire haja pedido, aos dawamesk, o delírio dos *Paraísos Artificiais*, como tantas outras celebridades das Letras e das Artes, o certo é que, à droga, a Humanidade não deve obras que fiquem e o que lhe deve arruma-se no capítulo trágico da patologio psicossomática.

As drogas têm épocas e até coordenadas geográficas. Ainda que certas camadas da contemporânea juventude americana tenha retomado o gosto de fumar cigarros impregnados de marijuana, com o seu paladar adocicado, o Oriente, com exclusão da China continental, continue a fumar o longo cachimbo do ópio, e a heroina, a morfina, o eucodal, o pantopon, o dolodal, o palfium, etc., etc., continuem a ter os seus adeptos e até os seus devotos, o certo é que tais drogas fizeram a sua época e as gentes da era dos *Beatniks* já não vão nessas velharias. Os drogados deste género que ainda existem são, em mais de cinquenta por cento, consequência da inconsideração dos médicos, que, ingènuamente, ouvem o canto de sereia das dores insuportáveis... e receitam estupefacientes, como quem prescreve água destilada! E não se assarapantem os srs. Clínicos, porque eu próprio, há anos, já «levei» um distinto médico, uma vez, que estive à beirinha do vício...! Já lá está e já me deve ter perdoado a «fita» e a «finta».

Os Romanos — Plínio, o Antigo, fez o primeiro estudo sério da droga — utilizavam a dormideira, planta da família das papaverácias. E já no tempo de Ramsés II, (1298-1232 a. C.) se dava, a certo papiro, o nome de *opium*, que significava ao tempo «o que impede as crianças de gritar». Como hipnótico que é, talvez o ministrassem aos bébés! É de notar que, há pouco mais de 100 anos, esta droga deu origem a uma guerra: a Guerra do Ópio, deflagrada entre a China e a Inglaterra (1840-1842) por o Imperador da China ter proibido o uso e o abuso do ópio, o que prejudicava o comércio de mercado negro, como hoje se diria, que os ingleses praticavam por aquelas paragens, como, de resto, praticaram e praticam, ainda, por toda a parte onde os deixam...

Nessa altura, o mandarim Lin-Tsô-Siu fez atirar ao mar 20 000 caixas de ópio. A este acto, o político britânico Palmerstone respondeu com a guerra — o que por certo não faria hoje, contra uma China poderosa, uma Inglatterra que não pode com uma gata pelo rabo... Mas, então, depois de terem ocupado Changai, os ingleses obtiveram, pelo tratado de Nankim (29 de Agosto de 1842) a cedência de Hong-Kong, a abertura, ao comércio europeu, das urbes vitais da China, o abatimento a cinco por cento dos direitos alfandegários e os julgamentos dos seus nacionais, pelos cônsules. Tudo isto foi obra do ópio, considerado o pai dos estupefacientes.

O estudo destas drogas oferece pormenores muito curiosos. Por exemplo: o nome da heroína. A nomenclatura química oficial não conhece a heroína. O nome que regista é o da diacetilmorfina ou, mais vulgarmente, da diamorfina, derivado da morfina. Este produto foi, pela primeira vez, ensaiado nos

Continua na página 3

CAMINHOS DE MORTE SEM GLÓRIA !

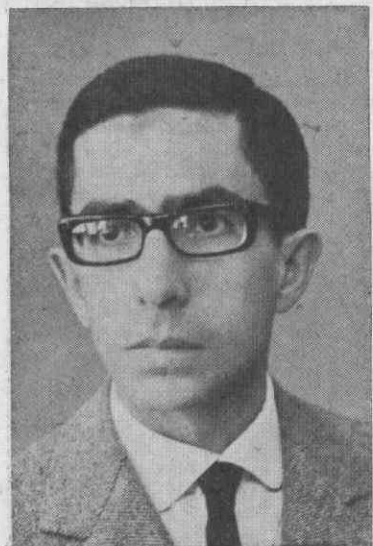
GLOSAS DE TRISTEZAS E ESPERANÇAS RADIOSAS

Se eu lograr que me leia um só *motoreta* (chamo assim ao exaustinado cavaleiro desses bicicles, mais obedientes à espora do que ao freio, que bebem gasolina e comem alcatrão), pode ser — e oxalá! — que se evite uma nódoa vermelha na estrada e uma tarja preta num papel obituário.

Venha então comigo esse quixote dos quilómetros/hora até ao banco do hospital; quero levantar-lhe diante dos olhos o trapo, retesado do sangue seco, onde já amesenda a gula das moscas nauseantes, para lhe pôr a nu os restos informes do que foi uma cabeça dum filho de gente, com seu diadema pálido e peganhento da massa encefálica polvilhada de esquírolas. «Quem era?» — Só remexendo-lhe nos bolsos poeirentos, em devassa macabra, se averigua, num bilhete oficial, a identidade do que foi coisa humana; e então se lhe vê, no retrato, a humana forma do que ninguém diria poder ser *aquilo* que para ali ficou inerte, apenas para dar pasto de podridão às nauseantes moscas... «Como foi?!» — «Ninguém sabe ao certo... Ouviu-se um estrondo! Depois...» Ora! «Depois»... Só há *depois* para os que ouviram o estrondo, para os que podem ouvir estrondos ou ouvir falar dos estrondos... Para *aquilo*, não houve mais *depois!*

Oiça agora esse quixote dos quilómetros/hora este comentário cheio da filosofia do desprezo: «*Ele* matou-se?! Antes assim: não matará ninguém!» E se um, do lado, apoda o asserto de cínico, pode ouvir em réplica: «Olhe

Continua na página 5

NOVO PRESIDENTE DA JUNTA AUTÓNOMA

À importância do cargo respondeu-se com os merecimentos do nomeado: o sr. Eng.º Carlos Gamelas Gomes Teixeira, numa longa interinidade de funções na presidência da Junta Autónoma do Porto de Aveiro — por doença do titular, sr. Coronel Gaspar Inácio Ferreira —, facilitou, por mostras de acerto e operosidade inequivocamente patenteadas, o preenchimento duma vaga difícil: dificílima, se atentarmos em que,

Continua na última pagina

A EXPOSIÇÃO DAS ACTIVIDADES DISTRITAIS

No sábado, cerca das 22 horas, no Largo do Rossio, o Ministro do Interior, sr. Dr. Alfredo dos Santos Júnior, presidiu à inauguração da «Exposição das Actividades do Distrito através dos Municípios» — certame integrado nas comemorações do 40.º aniversário da Revolução Nacional.

Assistiram à cerimónia, além de diversas entidades oficiais e autoridades, da cidade e do Distrito, os srs. Secretário de Estado da Indústria, Eng.º Rafael Amaro da Costa, e D. Manuel de Almeida Trindade, venerando Bispo de Aveiro — que, a convite do titular da pasta do Interior, procedeu ao corte da fita simbólica que vedava o acesso ao recinto da Exposição.

Esteve presente muito público, vendo-se, também, um grupo de tricanas aveirenses, com os seus típicos trajos de várias épocas. A Banda Amizade e a Banda do Asilo-Escola Distrital abrilhantaram o acto.

Seguiu-se uma demorada visita (que veio a terminar cerca das 3 horas da madrugada de domingo) aos vinte e cinco pavilhões do certame, onde, a par dos dezanove municípios do Distrito, se regista a presença de cerca de duzentos industriais, tanto em «stands» próprios, como integrados nos seus respectivos concelhos.

Recebidos, em cada um dos pavilhões, pelos presidentes municipais e técnicos camarários, aqueles membros do Governo puderam observar, atentamente, — em gráficos, esquemas, fotografias, maquetas, etc. — as actividades dos municípios do Distrito ao longo das quatro últimas décadas, e o progressivo desenvolvimento industrial da região de Aveiro, na vasta gama de produtos expostos nos «stands» particulares.

No final da visita, no pavilhão de Aveiro, efectuou-se uma sessão, em que discursaram os srs. Dr. Artur Alves Moreira, Presidente do Município aveirense, e Dr. Santos Júnior, Ministro do Interior.

São do sr. Presidente da Câmara Municipal de Aveiro as seguintes palavras:

«O momento, o local, e a circunstância, determinaram ser eu a dar as boas vindas a V. Ex.as, sr. Ministro e sr. Secretário de Estado, incumbência esta a que muito gostosamente dou cumprimento, não só em nome pessoal como também em representação do Município a que presido e, ainda dos meus ilustres colegas, que têm sob responsabilidade directa a administração dos restantes concelhos do distrito de Aveiro.

E o facto em si implica que, muito naturalmente, faça uma afirmação, plena

Continua na página 3

O Ministro do Interior, o Prelado da Diocese e outras altas individualidades na visita ao pavilhão de Espinho

ECOS

de dois grandes acontecimentos

Foi registado nestas colunas o êxito incontestável que alcançaram as magnas realizações da operosa **Secção Filatélica e Numismática do Clube dos Galitos** que tiveram por palco esta nossa cidade Aveiro, cujo nome, ao longo dos anos, tanto se tem engrandecido com inumeráveis iniciativas da prestigiada colectividade aveirense.

Chega-nos, agora, o depoimento autorizado do Eng.º Marc Dhotel, vulto eminente na Filatelia mundial e personalidade da mais alta projecção na vida pública da França. Esteve ele, com sua esposa, no **I Congresso Nacional de Filatelia**; e presidiu ao Júri da **I Exposição Filatélica Nacional Temática** — acontecimentos que se projectaram tão lisonjeiramente nos meios filatélicos portugueses e mesmo de além-fronteiras.

Trata-se duma carta amistosíssima dirigida ao sr. Joaquim Paulo

Continua na última página

O NOVO DOUTOR

Um CONTO — por Laudelino de Miranda Melo

NA localidade onde nasci — uma aldeia aliciante — aconteceu que há trinta e cinco anos atrás, pouco mais ou menos, um filho de conceituado comerciante da localidade e meu bom amigo tinha concluido em Coimbra o seu curso em medicina e ia regressar à terra.

Ora, como é hábito por estas e outras regiões do país, sempre que um novo doutor conclui a formatura, a localidade onde reside a família e os amigos conterrâneos preparam, para a chegada do novo doutor festa rija que, via de regra, mete música, foguetes, discursatas e lauto banquete. Portanto, este doutor de que agora me ocupo ia chegar de Coimbra à sua terra natal, ali para as bandas do concelho de Águeda. Então o seu pai e meu bom amigo (o respeitável sr. Armindo), três dias antes da vinda do filho procurou-me para me convidar para a festança e ao mesmo tempo pediu-me com insistência que «eu dissesse algumas palavras de saudação» à sua chegada à casa paterna, porque também isso é de uso.

Respondi-lhe não ser eu a pessoa indicada para tal acontecimento, porque entre os muitos convidados havia médicos, engenheiros, advogados e até um padre, o prior da localidade. Que tivesse, portanto, paciência, mas não podia eu aceder ao seu pedido.

Cabisbaixo e tristonho o Sr. Armindo disse-me brandamente: «Pois se o senhor não me quiser fazer esse favor não incomodarei mais ninguém. A festança faz-se mas sem discurso de saudação. Paciência...»

Confesso que o Sr. Armindo ao pronunciar estas palavras tinha o coração amarfanhado e lágrimas na voz. Comovido também acedi, por fim, ao que me pedia, ponderando-lhe, contudo, que o meu discurso não estaria à altura da grandiosidade do acto, mas já que assim queria...

E chegou finalmente o grande dia. O povo e os convidados, um mar de gente!, na casa da família do Sr. Armindo: — cheias as salas, a cozinha, o alpendre, o pátio, o quintal...

Na sala principal, onde estava o novo doutor com familiares e muita gente, e antes do banquete, resolvi eu atirar para os ouvidos da multidão o meu discurso de saudação, que antes tinha escrito e decorado. E para que o efeito resultasse melhor aproximei-me discretamente de alguns lavradores conterrâneos e simplórios e recomendei-lhes que, no final de cada período, dissessem bastante alto e de braço no ar, como em triunfo: MUITO BEM!... MUITO BEM!...

Passem palavra... avisei ainda. E dei princípio à saudação, muito compenetrado do meu papel, assim:

«Meu caro doutor e amigo. Meus Senhores. Conterrâneos...» E imediatamente: «Muito Bem!...) berraram uma dúzia de vozes, entusiasmadas, os braços ao alto, pretendendo assim corresponder ao meu pedido.

Mais duas ou três palavras minhas e outra vez: «Muito Bem!..., em berros e os braços no ar. E assim sempre porque não lhes expliquei (culpa minha) o que era aquilo «do final do período».

Enfim, acreditem, foi com dificuldade que terminei o meu discurso de saudação ao novo doutor, que, valha a verdade, é hoje um clínico de larga fama.

VERBO — ENCICLOPÉDIA LUSO-BRASILEIRA DE CULTURA

— Está publicado o quarto volume

Temos presente o quarto volume da VERBO — ENCICLOPÉDIA LUSO-BRASILEIRA DE CULTURA, notável súmula do saber humano apresentada pela «Editorial Verbo» ao público da comunidade lusíada.

Folheando o volume agora publicado, que abrange de «Brasília» a «Chá», aparece-nos como expressão máxima que esta Enciclopédia apresenta uma panorâmica rigorosamente científica, de tudo o que interessa ao homem desejoso de se inteirar dos grandes problemas do Conhecimento, das grandes questões e factos da evolução e progresso do Mundo. Tudo o que a isto se refere é dado na ENCICLOPÉDIA VERBO não de maneira isolada e desconexa, mas orgânicamente estruturada, necessàriamente classificado pela alfabetação. Obtém-se, assim, um tratado completo sobre cada ramo do saber humano que transmite ao leitor exacto conhecimento «formativo» e «informativo», com primazia do primeiro.

Ao acaso de leitura destacamos, dos artigos contidos neste volume, Breviário, Buda e Budismo, Câmara, Caminhos de Ferro, Canónico (Direito), Capital e Capitalismo, Caravela, Carta Constitucional, Catálise, Catequese, Catolicidade e Catolicismo. São magistrais estudos de síntese, coordenadores de mais pormenorizadas referências distribuidas sob ordenação alfabética, ao longo da obra.

Não conhecemos, em língua portuguesa, reportório geral de cultura que, como a ENCICLOPÉDIA VERBO, obedeça firmemente a este modo racional de apresentar os temas. É um propósito, conseguido por inteiro, que fornece ao leitor erudito o plano introdutório para o estudo da questão, e aos demais a iniciação certa para uma reflexão pessoal, apoiada e esclarecida com suficiência. Firmam os textos — e esta é também uma marca do ineditismo da ENCICLOPÉDIA VERBO — os mais autorizados nomes de especialistas em Filosofia, Religião e Teologia; Ciências Jurídicas e Sociais; Ciências Puras, Arte, Literatura, Geografia e História. Bibliografias sumárias a acompanhar cada título ou referência vocabular, constituem um guia seguro para o leitor que pretenda aprofundar os seus conhecimentos sobre o assunto.

A ilustração da ENCICLOPÉDIA VERBO planificada de forma a ser pela imagem o complemento lógico da informação dada pelo texto, é excelente e expressa muitas centenas de fotografias, desenhos, gráficos, reproduções de quadros e gravuras, a negro e a cores. Neste aspecto também a ENCICLOPÉDIA VERBO marca a sua primazia entre as obras do género, oferecendo ao público um arquivo iconográfico de alto valor.

Totobolando

PROGNOSTICO DO CONCURSO N.º 45 DO TOTOBOLA

De 17 a 20 de Julho de 1966

N.º	EQUIPAS	1	X	2
1	México - Uruguai			2
2	Argentina - Suiça	1		
3	Portugal - Brasil	1		
4	França - Inglaterra			2
5	Espanha - Aleman.	1		
6	Hungria - Bulgária	1		
7	Chile - Rússia			2
8	Braga - Leixões		x	
9	Ovarense - Sanjoa.	1		
10	Casa Pia - Benfica			2
11	Almada - Olhanen.	1		
12	C U. F.-Barreiren.	1		
13	Luso - C. Piedade	1		

COMUNICADO

Ao Ex.mo Público e Entidades:

A Gerência da firma ELÉTRICA BEIRA-RIA, L.DA, oficina de reparações eléctricas em automóveis e baterias, com Estação de Serviço «Tudor» sita no Cais do Paraíso, desta cidade de Aveiro, comunica a todos os seus estimados clientes e amigos, e ao público em geral que, por escritura de 27 do mês de Junho, deixaram de fazer parte da firma os Senhores Firmino Marques Costa e Álvaro Rosa de Oliveira Dias, continuando a Sociedade a ser dirigida pelo sócio gerente Senhor Carlos Leitão Filipe (Leitão das Baterias), de reconhecida competência, em colaboração com os restantes sócios Senhores Jaime da Costa e José Henrique da Graça Marques e restante pessoal especializado.

Agradecendo as atenções com que sempre tem sido distinguida, espera continuar a receber as prezadas ordens da sua numerosa clientela e amigos, o que desde já reconhecidamente agradece.

A Gerência

GRILHETAS DOIRADAS

Continuação da primeira página

laboratórios da Bayer, em 1898; e julgou-se ter sido encontrado um remédio *heróico* para os toxicómanos! Daí, o nome de heroína. Hoje, as drogas mais em moda—em Portugal muito em moda, mesmo! — com a anuência de muitos médicos, são os tranquilizantes, os «inquietantes tranquilizantes», como lhes chamam os franceses. A primeira destas drogas a fazer uma barulheira terrível foi a clorpromazina, divulgada sob o nome comercial de largactil e descoberta em 1950. Chamavam-lhe a camisa-química, porque substituía, nos delirantes, nos agitados, nos furiosos, nos resistentes ao electrochoque, a bárbara camisa-de-forças. A Psiquiatria embandeirou em arco! Mas foi por pouco tempo: em breve, ela viu que só cobria os efeitos, porque as causas permaneciam intangíveis. Mas a moda dos tranquilizantes estava lançada e surgiram, de todos os laboratórios, montes de similares.

Dizem alguns entendidos franceses que o perigo dos tranquilizantes é mais insidioso, do que o dos barbitúricos (compostos de malonilureia), porque a calma que facultam é, apenas, aparente, por vezes mesmo só sugestiva, pois a causa do distúrbio psicossomático permanece imutável no seu mal e crescente no seu caminhar.

Talvez seja assim. A verdade é que os tranquilizantes tranquilizam mesmo, embora habituem, às vezes. Ninguém me tire o meu serenal, ao deitar, senão eu não durmo mais de três horas. A não ser que me esqueça do serenal, porque, então, durmo...

Ao contrário dos tranquilizantes, há uma nova droga em moda, uma droga alucinogénica, que faz entrar o drogado em um mundo diferente, o mundo da «lucidez glacial»: a mescalina. Esta droga é extraída do peyotl, espécie de cactus raro que cresce nas terras secas dos planaltos mexicanos.

Os escritores A. Huxley e Henri Michaux experimentaram-na pessoalmente em larga escala. Huxley dá conta da sensação mescalínica no seu livro *Les Portes de la Perception.* Vale a pena traduzir este passo: *Meia hora depois de ter tomado a droga, tive consciência de uma dança lenta de luzes doiradas. Pouco depois surgiram-me sumptuosas superfícies rubras, inchando e distendendo-se a partir de centros brilhantes de energia, que vibravam uma vida cheia de figuras alternantes.*

H. Michaux deixou as suas impressões mescalínicas em várias obras, como *Misérable Miracle* (1956), *Paix dans les brisements* (1959), *Connaissance par les gouffres* (1961).

O biologista Peter Witt, da Universidade de Berna, ensaiou diferenças de várias substâncias destas, como marijuana, mescalina, atropina e benzèdrina, drogando aranhas e observando, depois, os resultados na estrutura das teias.

Um outro alucinogénico é a psilocybina, extraída de certa espécie de cogumelos. Já no séc. X, entre a civilização Maya, havia uma espécie de culto por certos cogumelos, que se acreditava terem, por sua ingestão, o poder de estabelecer o contacto entre os humanos e a divindade...

Uma outra droga, ainda, das alucinogénicas ou alucinatórias é a lysergina, extraída de um fungo parasitário da espiga do centeio e isolada em 1935. Oito anos depois, o químico suiço Albert Hofmann obteve-a por síntese, sob a abreviadura LSD-25 e observou-lhe corajosamente os efeitos em si próprio: desorientação, visão colorida e os barulhos transformados em ilusões ópticas. Digamos: fenómenos cinestésicos.

Allen Ginsberg, poeta da *Beat Generation*, drogou-se com o LSD-25 e escreveu: *Eu, Allen Ginsberg uma consciência separada/eu que quero ouvir a mais minúscula vibração infinita de harmonia eterna/ eu que sou Condenado.*

Outros *Beatniks* fizeram, simultâneamente, a experiência e revelaram que a droga não era sòmente um meio de evasão pessoal, mas o estimulante da revolta contra o poder estatal americano e a sua morte industrializada. A droga distende «o longo desregramento de todos os sentidos», de que falava Rimbaud e, dizem eles, «faz-nos perder o pé sobre os freios e os filtros da nossa razão».

Em suma: o mundo continua cheio de grilhetas doiradas, que são as drogas dos que não sabem encontrar no espírito a potencialidade dominante do mundo e dos problemas físicos e metafísicos do Universo.

VASCO DE LEMOS MOURISCA

Escola Central de Sargentos

EVOCAÇÃO E HOMENAGEM AO TENENTE GONÇALO MARIA PEREIRA

III

O PROGRAMA DE ESTUDOS DO MEU CURSO

O meu curso creio que tinha vinte e nove disciplinas a saber: quinze no primeiro ano e catorze no segundo. Algumas delas terminavam no fim do primeiro ano; outras eram comuns aos dois anos.

As disciplinas, na sua maior parte, apelavam mais para a memória dos alunos do que para o seu raciocínio. Dos alunos havia apenas dois que, por serem primeiros sargentos cadetes oriundos do Colégio Militar, as suas idades regulavam entre os vinte e os trinta anos; porém, as idades dos restantes situavam-se entre os quarenta e os cinquenta. Alguns creio que até já eram avós. Com estas idades, víamo-nos todos muito embaraçados para decorar montanhas de material *de todas as Armas e Serviços; não só o de uso corrente, como até algum já arrumado nos Museus.*

Ora, um programa de estudo desta natureza — quase só de empinanço *— dava cabo da cabeça a quem não fosse sólido de memória. Assim, não o tendo podido vencer, ficaram muitos pelo caminho sem atingir a meta.*

Mas os efeitos dos apelos à memória não ficavam por aqui. Verificavam-se, também, nas classificações obtidas nas chamadas, nos pontos escritos e nos exames.

De entre os alunos do curso, havia alguns que decoravam com facilidade as disciplinas de material, embora nas de raciocínio fossem muito deficientes.

As classificações obtidas tinham todas o mesmo valor absoluto, e, nisso, a meu ver, é que havia a grande injustiça. Um aluno que em Português, em Matemática, em Física ou noutra qualquer disciplina mais transcendente, por exemplo, obtivesse quinze valores de média, tinha o mesmo mérito de outro que obtivesse a mesma classificação por decorar — no material de Cavalaria — os componentes de uma cabeçada de prisão ou de um arreio para cavalo; ou, até, no material sanitário, a descrição de uma maca, com ou sem «espírito de meliça composto».

Deste modo, este aluno iria ocupar na escala geral de classificações uma posição próxima ou, até, às vezes, superior à do outro. E como a promoção pela vida fora se fazia por antiguidade na escala, muitos dos inteligentes de memória atingiram *postos que os seus condiscípulos, falhos de qualidades para decorança, não alcançaram e, nem sequer, passaram de tenentes.*

Durante a frequência do curso, esta anomalia já me não era indiferente. Contudo, não tornei pública a minha discordância com o receio de tal revelação vir a ser-me prejudicial, visto implicar censura ao programa dos estudos que, certamente, havia sido elaborado pela Escola. Apesar disso, escrevi naquela altura uns versos de pé coxo que aqui publico *pela primeira vez:*

O NOSSO CURSO

Para o curso auxiliar,
que andamos a tirar,
é preciso muita sorte.
Não basta ter mioleira;
antes bronco e com *leiteira*,
mas de memória bem forte.

Se se vai para a lição
e logo de escantilhão
o *saco* se despejar;
boa nota alcançará
e bom aluno será,
mesmo sem raciocinar.

Nos cursos que já lá vão,
houve até *camaradão*
que *urso* chegou a ser.
Na cabeça tinha tudo:
normas, regras, um canudo,
mas não sabia escrever.

O significado destes versos poderá ser um pouco exagerado. Contudo, eles foram inspirados na versão que corria na Escola de que o urso do curso anterior decorava muito bem, mas escrevia muito mal.

Continua no próximo número

A Exposição das Actividades Distritais

Continuação da primeira página

de oportunidade e de sã justiça, que outra não poderá ser, senão o agradecimento pela honrosa presença de V. Ex.as na inauguração desta Exposição, que pretende ser símbolo eloquente da expressão viva da actividade municipal no decorrer dos anos, após a eclosão desse movimento salvador da Pátria, o 28 de Maio de 1926. Realmente, a presença de V. Ex.as nesta cerimónia, para além da representação do Governo, tem o significado particularíssimo das distintas pessoas, que em boa hora foram chamadas a ocupar relevantes posições na governação, pelo reconhecimento implícito das altas qualidades que exornam, e de que têm dado ao País sobejas e concludentes provas. A gestão da política interna e a supervisão das actividades industriais, não poderiam estar melhor entregues do que nas mãos de V. Ex.as, sr. Dr. Santos Júnior e sr. Engenheiro Amaro da Costa. Todos o reconhecemos, sem sombra de lisonja, e é mister que a afirmação se faça neste momento e neste lugar, pois o distrito de Aveiro, para não dizer, todo o País, sabe apreciar e reconhecer nas qualidades de trabalho, patriotismo e sacrifício pessoal de V. Ex.as, aqueles dotes exigíveis aos responsáveis com os altos encargos de gerirem a pasta do Ministério do Interior e a Secretaria de Estado da Indústria.

Muito nos congratulamos pela anuência ao convite, oportunamente dirigido a V. Ex.as pelo muito ilustre representante do Governo no distrito, a quem são devidas as honras da diligência, e neste caso muito particularmente ainda, o mérito absoluto da concretização efectiva do certame que acaba de ser inaugurado e que ficará patente a todos quantos, interessadamente, procurem ajuizar do potencial administrativo e industrial, que embora meramente exemplificativo, por ser restrita a representação, não deixará de significar o quanto se vem esforçando os responsáveis e os seus colaboradores, na valorização dos concelhos, pela sua meritória iniciativa. Vai pois também para V. Ex.a sr. Governador, a nossa viva expressão de indelével gratidão pelo são determinismo em se concretizar a realização deste número festivo e a sua integração no programa distrital comemorativo do 40.º aniversário da Revolução Nacional. Se bem que para todos nós, presidentes das Câmaras, já não nos surpreendam em nada todas as iniciativas que nos habituámos a ver partir de V. Ex.a, sabe sempre bem patentear pùblicamente factos, que poderiam passar despercebidos, a quem costuma ajuizar do valimento das coisas e dos homens. E ainda bem que todas as boas vontades, desde V. Ex.a, sr. Ministro, até aos responsáveis directos pelos municípios do distrito, passando pelo sr. Governador, e de que se não poderão alhear os firme propósitos de colaboração de grande número de industriais, se conjugaram, não olhando a meios, nem menosprezando sacrifícios, no sentido de se conseguir reunir, neste recinto, uma representação do que vale um distrito, que vem ocupando um dos lugares cimeiros nas várias actividades que nele se desenvolvem, com reflexo bem evidente na valorização nacional.

Efectivamente, Aveiro, distrito, orgulha-se, e as estatísticas bem o confirmam, de ser uma das regiões mais evoluídas do País, muito particularmente no âmbito industrial, de que vem, desde há muito, ocupando um relevante terceiro lugar. V. Ex.a, sr. Secretário de Estado, melhor que ninguém o sabe, pelo que muito folgamos pelo facto de pessoalmente ter vindo contactar com algumas representações, dentre tantas unidades industriais, que exuberantemente patenteiam esta referência oportuna. E o nosso desejo será, sem dúvida, que essa valorização seja sempre crescente para bem da economia do distrito, para bem do valor económico-social da Nação.

Do significado desta Exposição muito poderia ser dito, mas nada mais expressivo será do que atentarmos no seu recheio precioso e na essência, pelo que diz respeito às actividades municipais, daquilo que tem sido o seu esforço no sentido de não se perder o ritmo necessário ao arranque e à manutenção do espírito do princípio da Revolução que, dando reviravolta política à situação de 1926, permitiu esta explosão de progressivo surto de que resultaria o estado actual, promissor de um futuro que nos dê aquela tranquilidade que ambicionamos, e de molde a permitir um nível de vida consentâneo com as reinvindicações da sociedade humana.

E assim será, pois cremos em Deus, na firme vontade dos homens e no destino perene da Pátria, firmemente orientada por esse excepcional obreiro que supervisiona tudo e todos quantos, em abnegada comunhão de esforços, intentam conduzir o País àquele lugar cimeiro, que não desmereça em confronto com os países mais evoluídos, pois, para tanto, nos batemos.

Bendigamos o nome desse esclarecido Chefe, que é Salazar, e orgulhemo-nos de pertencer a uma Nação, cujo primeiro magistrado é incarnado na pessoa muito querida de todos os portugueses reconhecidos, que é o sr. almirante Américo Tomás.

Com Suas Excelências continuemos, pois, o espírito fecundo da Revolução e ela não mais morrerá, para bem e tranquilidade nossa.»

Encerrou a sessão o titular da pasta do Interior, que afirmou:

Apenas duas palavras. A primeira, de louvor — o meu pensamento, aquando da reunião dos chefes do distrito, foi largamente ultrapassado em Aveiro. O sr. Governador foi mais além do que eu pensava. Já esperava que Aveiro correspondesse, mas não esperava que correspondesse desta maneira maravilhosa. Abraço-vos e louvo-vos por esta maravilhosa Exposição e pelos benefícios que prestastes à Nação.

A segunda palavra é de acção de graças a Deus, por esta grande obra que se está a realizar a par da grande batalha que estamos a travar nas nossas províncias ultramarinas, pois, enquanto lutamos, Portugal continua a fazer o seu desenvolvimento económico, acabando por afirmar que finalmente haveremos de atingir a meta.

A Exposição estará patente ao público até 28 de Agosto, das 21 às 24 horas, nos dias úteis, e das 15 às 24 horas, nos domingos e feriados.

SERVIÇO DE FARMÁCIAS

Sábado	OUDINOT
Domingo	NETO
2.ª feira	MOURA
3.ª feira	CENTRAL
4.ª feira	MODERNA
5.ª feira	ALA
6.ª feira	M. CALADO

Pela Câmara Municipal

● Foi adquirido um prédio situado na Rua da Companhia Voluntária de Salvação Pública «Guilherme Gomes Fernandes», para urbanização do local, na ligação com a Avenida de Portugal, em construção.

● Foi aprovado o estudo de alinhamentos respeitante ao arruamento de acesso ao futuro Cemitério de S. Bernardo.

● Foi autorizado mais um pagamento, na importância de 26.046$60 ao empreiteiro da obra de *Construção da Estação de Tratamento de Esgotos.*

ROTARY CLUBE DE AVEIRO

Na reunião de segunda-feira passada do Rotary Clube de Aveiro, foi comemorado o «Dia da América», sendo prestada homenagem ao Pavilhão Ameiicano, pelo sr. Coronel João Pereira Tavares.

Na mesma altura, foi marcada, em princípio, para 24 do mês corrente, a pública homenagem dos clubes rotários do Distrito de Aveiro (S. João da Madeira, Ovar, Estarreja e Aveiro) ao Escritor Ferreira de Castro.

MOVIMENTO DA LOTA

Em Junho, apesar de alguns dias de pesca desfavorável, o movimento da Lota de Aveiro atingiu números «record» no corrente ano. Venderam-se 470 881 quilos de pescado, num total de 1 624 331$00 — soma dos apuros das taineiras (1 093 923$), dos arrastões do alto (467 461$) e do peixe da Ria (62 947$00).

SOCIEDADE AVEIRENSE DE HIGIENIZAÇÃO DE SAL

Ao fim da tarde do último sábado, acompanhado pelo sr. Dr. Artur Alves Moreira, Presidente da Câmara Municipal de Aveiro, o sr. Eng.º Rafael Amaro da Costa, Secretário de Estado da Indústria, efectuou uma visita particular às instalações fabris da Sociedade Aveirense de Higienização de Sal, L.da (VITA-SAL), na Rua Nova do Canal.

Recebido pelos sócios-gerentes da empresa, aquele membro do Governo retirou-se vivamente impressionado por quanto lhe foi dado apreciar nesta importante unidade fabril aveirense.

O V Aniversário da «SMIDA»

No dia 1 do corrente, a importante empresa *SMIDA — Sociedade de Manufactura Industrial de Madeiras, Lda.* – celebrou o 5.º aniversário da sua fundação, com uma merenda oferecida aos seus servidores, colaboradores e ilustres entidades oficiais.

Aos brindes, usou da palavra, em primeiro lugar, o gerente da creditada unidade fabril, para agradecer a presença dos convidados e referiu a instituição do prémio de produtividade destinado ao pessoal da firma. Falou, em seguida, o sr. Dr. Manuel Inácio Cabral, distinto Subdelegado em Aveiro do I. N. T. P., que manifestou o maior júbilo pelo ambiente de cordialidade que reina naquela casa entre patrões e serventuários. Por fim, discursou o sr. Dr. Amadeu Cachim, ilustre Presidente da Câmara Municipal de Ílhavo, que se regosijou pela merecida projecção da empresa em festa, formulando votos pela prosperidade da aniversariante.

«V Semana de Estudos Missionários», em Aveiro

Tendo como tema geral «A Missão à Luz do Concílio», vai realizar-se em Aveiro, de 19 a 23 do próximo mês de Setembro, a «V SEMANA DE ESTUDOS MISSIONÁRIOS», a que assistirá o sr. Núncio Apostólico.

Apresentam teses e comunicações os srs.: D. Pedro Sanmartin, Delegado da União Missionária do Clero para os Seminários de Espanha; Padre M. Joseph Le Guillou, Professor da Faculdade de Teologia de Le Saulchoir e Director das Investigações Ecuménicas no Instituto Católico de Paris; D. José L. Labandibar, Superior Geral do Instituto Espanhol das Missões Estrangeiras e Vice-Presidente da Comissão Pós-Conciliar de Missões; Frei Dr. David de Azevedo, Provincial dos Franciscanos; Padre Dr. António Silva, Redactor da «Brotéria»; e Padre Dr. Francisco Gonçalves dos Santos, Redactor de «Igreja e Missão» e do «Missionário Católico».

Acidentes de Viação

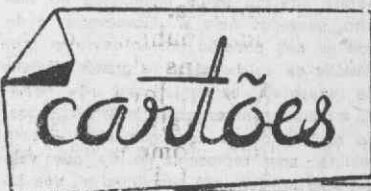
✶ No domingo, cerca das 20 horas, na Estrada da «Sacor» para a Gafanha da Nazaré, junto do entroncamento que segue para a zona dos estaleiros navais, embateram um automóvel, conduzido pelo seu proprietário, sr. Fausto Pereira de Carvalho, de Aguada de Cima (Águeda), e uma motorizada, em que seguiam o operário cerâmico sr. Manuel Gomes dos Santos, de 47 anos, casado, residente em Chousa Velha (Ílhavo) e uma sua filha, de 7 anos, Fátima Maria de Almeida Senos.

Prontamente conduzidos ao Hospital de Aveiro, depois de receberem os necessários socorros de urgência, a menor Fátima Maria teve de ficar internada, por apresentar fortes contusões.

A P. V. T. tomou conta da ocorrência.

✶ Na quarta-feira, perto das 9 horas, uma motorizada conduzida pelo sr. Cândido Cura da Silva Marques, de 22 anos, solteiro, natural e residente em Vagos, galgou o passeio da Avenida do Dr. Lourenço Peixinho, ao pretender voltar para a Rua do Eng.º Oudinot, e, ao voltar para a faixa de rodagem, veio chocar fortemente com um automóvel ligeiro, conduzido pelo sr. Carlos Alberto Ramos Neves, de 22 anos, solteiro, natural e residente em Aradas.

O ciclomotorista, conduzido ao Hospital de Aveiro, ficou internado, em estado grave.

cartões de Visita

FAZEM ANOS

Hoje, 9 — *A sr.ª D. Rosa do Céu Melo, esposa do sr. Manuel dos Santos Melo, residente em Angola; os srs. Dr. Manuel Dias da Costa Candal, António Henriques de Oliveira e Silva, Floriano Gomes Gadim, José Nunes Ferreira Ramos e Messias Manuel Martins Pereira; e as meninas Maria Isabel dos Santos Rocha, filha do sr. José Augusto Rocha, e Maria Luísa Catarino da Cunha Couceiro, filha do sr. Carlos da Cunha Couceiro.*

Amanhã, 10 — *O sr. António Fernandes; e as meninas Maria Elisabete, filha do sr. Alípio Paiva Melo, e Paula Biscaia de Melo do Amaral Frazão, filha do sr. Paulo Augusto Homem de Melo do Amaral Frazão.*

Em 11 — *A sr.ª D. Maria de Fátima de Pinho Moreira da Cruz, esposa do sr. Diamantino Manuel dos Reis Dias; os srs. Dr. Justino Ferreira e Dr. Fernando Alberto Curado Seiça Neves; a menina Maria Arlete da Conceição Campos, filha do sr. Emílio da Silva Campos; e o menino António Manuel Moura Barbosa da Maia, filho do sr. Manuel Maria da Maia.*

Em 12 — *As sr.as D. Maria Teresa Restani Graça Alves Moreira, esposa do sr. Tenente-coronel José Alves Moreira, e D. Laura Marques Ferreira Osório; os srs. Coronel José Nogueira da Costa Branco, Zeferino Augusto Soares, Tenente José Augusto Rodrigues de Almeida, Manuel Gomes dos Santos e António Massadas de Almeida Rino; e a menina Maria Emília da Silva Tuna.*

Em 13 — *O menino José Lívio Alves Simaria, filho do sr. João Augusto Alves Simaria.*

Em 14 — *A sr.ª D. Maria Regina Dantas Gomes, esposa do sr. Dr. Ruben Gomes; o sr. Carlos Alberto da Cunha Redondo; e o menino João Francisco Gonçalves Soares, filho do sr. Fernando da Ascensão Soares.*

Em 15 — *A sr.ª Prof.ª D. Maria Susana Rocha Salvador Ferreira Fernandes, esposa do sr. Capitão João António Ferreira Fernandes; os srs. João Marques e Jorge Ferreira Martins; as meninas Maria Ivone dos Santos Pimenta, filha do saudoso Joaquim de Carvalho Pimenta, Maria Regina da Silva Carvalho, filha do sr. Fernão Borges de Carvalho, e Ana Paula Marques de Carvalho, filha do sr. António Augusto Pereira de Carvalho.*

PEDIDO DE CASAMENTO

No último sábado, 2 de Julho corrente, para o sr. José Júlio de Oliveira Gomes, filho da sr.ª D. Rita Gomes e do sr. João da Silva Gomes, foi pedida em casamento a menina Maria da Conceição Marques Vinagre, filha do sr. Joaquim Vinagre dos Santos, ausentes em Joanesburgo.

DE REGRESSO

No paquete «Pátria», regressou recentemente do Norte de Moçambique, onde prestou serviço militar em missão de soberania, o nosso conterrâneo sr. Manuel Matos Ferreira («Estrelinha»).

PARABÉNS

Ontem, 8 de Julho, completou 38 anos de idade o nosso conterrâneo sr. Joaquim Ferreira, ausente em Barcelona (Venezuela).

Assinalando a data, sua esposa, Ilda Nunes Pereira de Azevedo, e seus filhos, Carlos Alberto e Gustavo Ferreira de Azevedo, também ausentes em Barcelona (Venezuela), vêm apresentar-lhe cumprimentos de parabéns, com votos de que o aniversário se repita, por longos anos, com saúde e felicidade.

Caminhos de Morte sem Glória!

Continuação da primeira página

que, quem lhe fala, já trouxe a esta mesma tarimba o cadáver da própria mãe, despedaçado pela loucura dum tal, como *esse*...» — E aponta, num gesto de mal contida aversão, *aquilo* que para ali está—e a que volta as costas, como se, esvurmada a bilis, houvesse cumprido um dever indeclinável...

Que esse quixote dos quilómetros/hora escute, depois, no ajuntamento dos curiosos, histórias de casos idênticos que o caso do momento trouxe à colacção...

...e que esse quixote hodierno, neo-cavaleiro andante de triste figura, se o não impressiona *aquilo* que para ali está, ao menos pense, diante *daquilo*, se lhe valerá a pena um segundo de vertigem que o leve àquela imobilidade, feia e sem glória...

É claro que nem sempre e nem todos os desgraçados utentes de motorizadas que vão dar com os ossos às mãos do cirurgião de serviço ou do cangalheiro, ou que atiram com um desgraçado sujeito para o necrotério ou para a mesa operatória, são merecedores da pública repulsa ou sequer de justificada acrimónia; muitos deles são, antes, vítimas de alheias incúrias, de imperícias alheias ou de alheias negligências.

A comprovada verdade é que, na tragédia da estrada, raramente é réu o caso fortuito ou a força-maior; a circunstância determinante do acidente, indomável aos comandos da vontade, quase só em hipótese pode conceber-se—se situarmos no tope da prudência uma normal previsibilidade do desastre, sempre iminente nesta era de luta entre o tempo e a distância.

São as exigências da vida célere dos nossos dias que explicam a vivência da máquina — todos o sabemos; mas, da vivência até à omnipotência — ou sequer prevalência—do motor, vai a enorme distância que medeia entre a consciente adopção dum meio capaz de melhor satisfazer uma utilidade e a escravidão a uma força que é cega e avassaladora e destrutiva sempre que se lhe consente ultrapassar os limites da sua racional função.

Ora um dos «casos-do-dia» mais arrepiantemente frequentes e absorventes de espaço nos órgãos portugueses de informação é o do ciclomotorista que se esmaga de encontro à árvore, ao muro, ao poste, ao automóvel, ao camião. Anda ele por aí a regar de vermelho os caminhos da leira lusitana e a engrossar, perante o Mundo, a nossa desoladora estatística de sangue na estrada. É ele fautor de lutos, fonte de lágrimas, causa de desesperos. Se não se suicida, mata — quando não fica ao lado da vítima que faz... Pode ir à cova com padre — mas não vai benzido pelo perdão público, antes todos lhe exorcizam o tresvario e lhe atiram com a alma ao tridente do Diabo!

E tudo isto porque o excomungado quis embebedar-se com ar, até o ar lhe fugir definitivamente no último hausto de vida... Não foi um dominador de alguém — por isso os nervos e o despeito o lançaram na vindicta e compensação da sua subserviência aos homens, revelando-lhe o poder da máquina, em que poderia mandar, mas que haveria, afinal, que escravizá-lo à força bruta da roda rebelde. Não tirou mais proveito do engenho do que o condenado tira dum carrasco. Para ele, a Lei é letra-morta; ignora a regra, desrespeita a vida do semelhante; quer passar, num trono de coiro, além dos outros homens, ainda que esmagando e triturando homens, sob o peso e a rotação do aço — para chegar depressa à meta...

...e *aquele* chegou bem depressa!... Lá está *ele* — *ele* é *aquilo* que para ali está inerte no banco do hospital, naquela tarimba, por debaixo dum trapo retesado do sangue seco, onde amesenda a gula das moscas nauseantes...

«Quem *era*?» — Sim, porque *já não é*; não é, nem pode ser o mesmo da fotografia do bilhete de identidade (números tantos, passado em tantos de tal, pelo Arquivo de Identificação de...) que lhe escorcharam no bolso poeirento; aquele retrato *não identifica* nada *daquilo* que para ali ficou inerte na tarimba, exibindo os restos informes do que foi uma cabeça de filho de gente, com seu diadema pálido e peganhento de massa encefálica polvilhada de esquírolas...

*

O ilustre titular da pasta das Comunicações anunciou anteontem, em conferência da Imprensa, uma série de profundas alterações ao Código da Estrada, a entrar em vigor no primeiro dia de Setembro próximo, tendentes a dominar eficazmente a progressão do acidente rodoviário. A salutar determinação, ao mesmo tempo que traduz os mais louváveis propósitos de atenuar os funestos efeitos do uso crescente do veículo motorizado, revela a rápida deterioração dos mais cuidados sistemas legislativos quando se ficam no caminho galopado por esse indomável corcel que dá pelo nome pomposo de Progresso.

Na antevéspera das auspiciosas declarações ministeriais, o Comandante interino e o 2.º Comandante da P. V. T. reuniram-se com os representantes dos órgãos de informação, no intuito de colherem elementos para o lançamento duma «Campanha de Prudência». Sublinhou o primeiro daqueles briosos militares que à Corporação que comanda mais interessa prevenir do que reprimir — e ninguém, de são juízo, duvidará, com efeito, das vantagens duma eficaz profilaxia sobre uma inevitável terapêutica...

Ora, no decurso da troca de impressões, foi revelado, segundo lemos num matutino nortenho, que os agentes da P. V. T. «estão muitas vezes parados nas estradas porque o dinheiro para a gasolina não é suficiente para a sua movimentação constante».

Todos sabemos que aquele tão prestigiado corpo policial tenta suprir, com a magnífica qualidade dos seus elementos, a deficiência numérica de mais desejáveis efectivos; nem, aliás, na mais optimista das perspectivas quantitativas, poderia postar-se um agente em cada quilómetro de estrada: a mobilidade é a melhor garantia duma fiscalização eficiente; e a falta de gasolina é, no caso, como acentuado foi, a inoperante... imobilidade.

Como se conseguirá, em tais circunstâncias, pôr termo à indisciplina viária?! Como obstar àquelas formaturas, a 4 e a 5 de frente, dos operários ciclistas que atravancam as estradas, nas proximidades das fábricas, às horas de ponta?! Como impedir que os ciclomotoristas façam das estradas exclusiva pista das suas exclusivas loucuras?!

— Com um Código; com um bom Código, sem dúvida, em que as medidas, preventivas e repressivas, sejam tão poderosas e de tão rápida aplicação, que não se deixem ultrapassar pelo mais rápido e potente dos veículos. Mas também... com gasolina — e bastante para fazer andar as normas do Código, à velocidade desejada, na diligência dos estrénuos garantes da sua observância e da nossa segurança, que são esses homens admiráveis fardados de cinzento-ocra, pois que tão pouco os vemos onde tanto sempre desejamos encontrá-los: nas estradas de Portugal.

E cá estaremos então para celebrar a nova lei. Assim a esperamos e ardentemente a desejamos...

... que, sem condições duma palpável eficácia, sem um acréscimo de bem-estar nacional no confronto dos povos com idênticas possibilidades e os mesmos legítimos anseios, todo o fogo de artifício que se queime em celebrações, mais ou menos feéricas, não passa de inútil dispêndio que a ninguém deslumbra e só aos fogueteiros interessa.

«AVEIRO E O SEU DISTRITO»

Recebemos o primeiro número da revista semestral, há muito anunciada, «Aveiro e o seu Distrito», publicação editada pela Junta Distrital de Aveiro.

Tudo que constitua achega válida para o engrandecimento da região aveirense não pode deixar de concitar-nos ao mais franco aplauso e ao mais deliberado incentivo. E «Aveiro e o seu Distrito» é, na realidade das suas primícias, promissor elemento de valorização nos rumos que se propõe: *acarinhar o passado, v[i]lado p[a]ra o futuro.* Para tais elevados propósitos vai o nosso aceno de franca simpatia.

A nova publicação, de correcto aspecto gráfico, insere escritos, alguns deles apreciáveis, dos srs. Eng.º José de Bastos Xavier, Joya de Noronha, Padre A. Nogueira Gonçalves, Dr. Serafim Gabriel Soares da Graça, Daniel Constant, Pedro Homem de Mello, Coronel Diamantino Antunes do Amaral, Dr. Humberto Leitão e Alfredo José Alves Rodrigues. A *Nota de Abertura* é subscrita pelo sr. Dr. Aulácio Rodrigues de Almeida, Presidente da Junta Distrital. Na Secção *Antologia Aveirense* transcrevem se trechos do saudoso D. João Evangelista, precedidos dum apontamento biobliográfico concernente ao grande e inesquecível aveirense. Na parte ilustrada evidenciam-se uma perspectiva e o anteprojecto do Asilo-Escola Distrital.

SECRETARIA NOTARIAL DE AVEIRO

SEGUNDO CARTÓRIO

Certifico, para efeitos de publicação, que, por escritura de vinte e seis de Maio de mil novecentos e sessenta e seis, de folhas sessenta e três a sessenta e quatro verso, do Livro de «escrituras diversas» número A — Quatrocentos e Dezanove, deste Cartório, outorgada perante o notário Licenciado João Caetano Nunes Guerreiro, foi dissolvida e liquidada a sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada «CÉSAR DE SOUSA & IRMÃO, LIMITADA», com sede na Rua Artur de Almeida Eça, da freguesia de Esgueira, deste concelho de Aveiro, sendo seu activo, constituido por um estabelecimento comercial de mercearia e vinhos, adjudicado aos outorgantes e únicos sócios César de Sousa Ferreira de Pinho e esposa Maria Coelho Teixeira Araújo Guimarães, tornando-se desnecessária a indicação da proporção dado o regime de bens do seu casamento — comunhão geral, e o comércio, que mantém, será exercido pelo outorgante marido, em seu nome individual.

Está conforme ao original, na parte respectiva, nada havendo na parte omitida que amplie, restrinja, modifique ou condicione o que se narra.

Aveiro, um de Junho de mil novecentos e sessenta e seis.

O Ajudante,

Luís dos Santos Ratola

Litoral ★ Ano XII ★ 18-6-966 ★ N.º 609

Câmara Municipal de Ílhavo

AVISO

Torna-se público que até ao dia 15 do corrente, recebem-se propostas para arrematação da pérgula do rinque de patinagem, da Costa Nova, deste concelho, para ser explorada como «esplanada» durante a presente época balnear.

BASE DE LICITAÇÃO... 100$00

Ílhavo, 5 de Julho de 1966

O Presidente da Câmara,

Amadeu Eurípedes Cachim

SECRETARIA JUDICIAL

COMARCA DE AVEIRO

Anúncio

1.ª Publicação

Faz saber que no dia 27 do corrente mês de Julho, pelas 11 horas, no Palácio de Justiça desta comarca de Aveiro, se há-de proceder pela primeira vez à arrematação em hasta pública, de um frigorífico marca «Frijeco», de um aparelho de televisão marca «Siera», de um rádio marca «Schaub Lorenz» e de uma motorizada marca «Sachs» penhorados nos autos de Execução de Sentença que pela segunda Secção do primeiro Juízo desta comarca a exequente — Firma Distribuidores de Cervejas do Vouga, L.da, com sede na Rua Engenheiro Silvério Pereira da Silva, número catorze, desta cidade, move contra os executados António Fidalgo Carlos e mulher Madalena Gandarinho Carlos, moradores na Gafanha da Nazaré, por apenso à acção sumária que contra os ditos executados moveu a aludida exequente, e que irão à praça pelo maior lanço oferecido acima do valor que consta no processo.

Aveiro, 2 de Julho de 1966

O Escrivão de Direito,

Alcides Viriato Sequeira

Verifiquei:

O Juiz de Direito,

Silvino Alberto Villa Nova

Litoral ★ Ano XII ★ 9-7-1966 ★ N.º 609

Trabalhadores — Precisam-se

INFORMA:

FÁBRICAS ALELUIA

António Pascoal, Herdeiros, L.da

Certifico que, por escritura de 1 de Junho de 1966, exarada de fl. 94 a fl. 98 do livro de notas para escrituras diversas n.º 43-B do 1.º cartório da secretaria notarial de Cantanhede, foi constituída entre Manuel Pascoal e António Manuel Pais de Sousa Pascoal uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, nos termos constantes dos artigos seguintes:

1.º

A sociedade adopta a firma António Pascoal, Herdeiros, L.da, tem a sua sede, escritório e estabelecimento principal na cidade de Aveiro, à Rua do Almirante Cândido dos Reis.

2.º

A sua duração é por tempo indeterminado e tem o seu começo na data de hoje.

3.º

O objecto da sociedade consiste no comércio por junto de mercearias e seus derivados e qualquer outro ramo de comércio e indústria que resolvam explorar e seja legal.

4.º

O capital social é de 1 500 000$00, integralmente realizado, e é representado por duas quotas, uma de 900 000$00, do sócio Manuel Pascoal, e outra de 600 000$00, do sócio António Manuel Pais de Sousa Pascoal.

§ 1.º — A quota do sócio Manuel Pascoal é realizada com a entrada para a sociedade das três quartas partes que possui no estabelecimento retromencionado, em cujo último balanço tiveram o valor de 954 626$56, mas que, em virtude de responsabilidades posteriores do mesmo outorgante, têm presentemente o valor de 900 000$00.

§ 2.º — A quota do sócio António Manuel Pais de Sousa Pascoal é realizada com a entrada para a sociedade da quarta parte que possui no mesmo estabelecimento referido, em cujo último balanço teve o valor de 318 208$86, e pela importância, em dinheiro, de 281 791$14, que já deu entrada na caixa social.

§ 3.º — O estabelecimento entra para a sociedade com todos os seus alvarás, direitos gremiais e demais pertenças e valores.

5.º

Qualquer dos sócios poderá fazer suprimentos à caixa social, os quais vencerão os juros que forem convencionados entre eles.

6.º

Nenhum sócio poderá ceder a estranhos a sua quota, no todo ou em parte, sem expresso consentimento do outro sócio, tendo este a preferência.

7.º

A gerência da sociedade e a sua representação em juízo e fora dele, activa e passivamente, são confiadas a ambos os sócios, que desde já são nomeados gerentes, com dispensa de caução.

§ único — Para os actos de mero expediente, bem como para letras, cheques e outros quaisquer documentos ou contratos que envolvam responsabilidade para a sociedade, bastará a assinatura de qualquer dos gerentes.

8.º

É proibido aos gerentes assinar em nome da sociedade quaisquer actos ou contratos que digam respeito a negócios estranhos à sociedade, tais como letras de favor, fianças, abonações e actos semelhantes, ou assumirem obrigações ou responsabilidades estranhas aos interesses da sociedade.

9.º

Como não se dissolve a sociedade pela morte ou interdição de qualquer sócio, continuará ela com o restante e com os representantes dos herdeiros do sócio falecido ou interdito, salvo se estes preferirem afastar-se da sociedade.

10.º

Durante a vigência da sociedade e nenhum dos sócios poderá, por si, associado ou por interposta pessoa, exercer comércio ou indústria idêntico ao que for exercido pela sociedade.

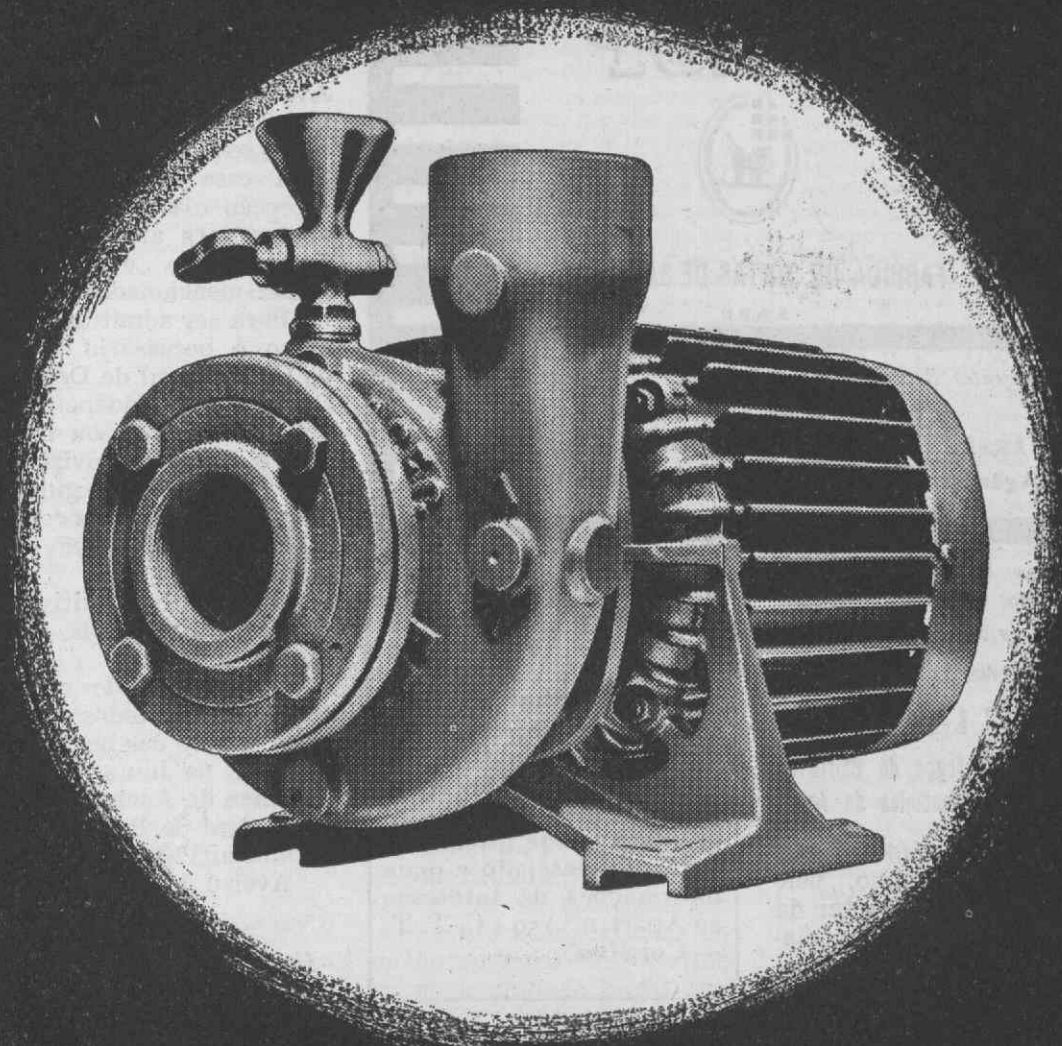
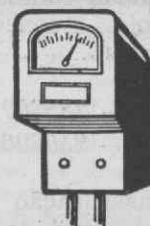
A descrição do estabelecimento entrado para a sobredita sociedade, constante da mencionada escritura é do teor seguinte: estabelecimento comercial, (armazém de mercearias, cereais e legumes) instalado no prédio sito na Rua do Almirante Cândido dos Reis da cidade de Aveiro, que se compõe de três estantes, um balcão, duas balanças, um auto pesado de serviço particular marca *Dodge*, n.º TN-13-86, com todas as suas pertenças, alvarás e direitos gremiais, nomeadamente o alvará de peixe preparado, bacalhau, com o n.º 1246, 2.ª classe, da Direcção-Geral dos Serviços Pecuários, os direitos gremiais que possui no Grémio dos Armazenistas de Mercearias e os direitos de inscrição como armazenista de batata de semente na Junta Nacional das Frutas, estabelecimento este que gira na praça comercial de Aveiro sob o nome de António Pascoal Herdeiros.

Está conforme ao original.

Secretaria Notarial de Cantanhede, 2 de Junho de 1966

O Segundo-Ajudante,

Viriato Benjamim Saraiva

Litoral ✱ Ano XII ✱ 18-6-1966 ✱ N.º 606

Secretaria de Estado da Aeronáutica

BASE AÉREA N.º 7

Faz-se público que se encontra aberto concurso para admissão de um cozinheiro de 2.ª classe. Os interessados devem dirigir-se à Base Aérea N.º 7, em S. Jacinto — Aveiro, até 20 de Julho de 1966, data em que terminará o referido concurso.

Condições de Admissão:

— EXAME DA 4. CLASSE DO ENSINO PRIMARIO;

— IDADE NÃO INFERIOR A 21 ANOS, NEM SUPERIOR A 35 ANOS.

O Comandante da Esquadra de Pessoal,

César Guilhermino

Ten. S. G.

Litoral-N.º 609 ✱ Ano XII ✱ Aveiro, 9-7-966

SECRETARIA JUDICIAL

COMARCA DE AVEIRO

ANÚNCIO

No dia 15 do próximo mês de Julho, pelas 10 horas, na Praça do Peixe, desta cidade, na carta precatória vinda do Primeiro Juízo Cível da Comarca do Porto, extraída da execução de sentença que Rodrigo Ferreira & Filhos, com sede na cidade e comarca do Porto move contra Manuel Matos Sarabando & Sobrinho, com sede nesta cidade, há-de ser posto em segunda praça, para ser arrematada ao maior lanço oferecido acima do valor indicado, uma popia de correr molduras, mesa inclinada, em bom estado de conservação, que vai à praça por dois mil escudos.

Aveiro, 30 de Junho de 1966

O Escrivão de Direito,

António Amaro Martins dos Santos

Verifiquei:

O Juiz de Direito,

Silvino Alberto Villa Nova

Litoral ✱ Ano XII ✱ 9-7-1966 ✱ N.º 609

SECRETARIA JUDICIAL

COMARCA DE AVEIRO

Anúncio

Faz-se saber que por sentença de 13 do corrente mês foi declarado em estado de insolvência Francisco Eusébio Pereira, viúvo, lavrador, residente no lugar de Sarrazola, freguesia de Cacia, desta comarca, tendo sido fixado em 45 dias, contados da publicação do presente anúncio no Diário do Governo, o prazo para os credores reclamarem os seus créditos.

Aveiro 14 de Junho de 1966

O Escrivão de Direito,

António Amaro Martins dos Santos

Verifiquei:

O Juiz de Direito,

Silvino Alberto Villa Nova

Litoral ✱ Ano XII ✱ 18-6-1966 ✱ N.º 606

Ministério das Corporações e Previdência Social

Direcção-Geral de Previdência e Habitações Económicas

AVISO

Redistribuição de fogos do Bairro de Casas de Renda Económica de Aveiro

1. Torna-se público que está aberto concurso, pelo prazo de 30 dias a contar da data deste AVISO, para distribuição dos fogos que porventura vaguem, durante o período de validade do concurso, no Bairro de Casas de Renda Económica de Aveiro.

2. As rendas estabelecidas para os fogos a concurso, são as seguintes:

Tipo II — 185$00
Tipo III — 240$00

3. A classificação dos concorrentes far-se-á de harmonia com as disposições do «Regulamento de distribuição de casas de renda económica» em vigor.

Dá-se preferência, na classificação, aos concorrentes que sejam beneficiários (ou casados com beneficiários) de Caixas de Previdência integradas na «Habitações Económicas» — F. C. P. e trabalhem há mais de dois anos nas freguesias de Glória, Vera-Cruz e Esgueira.

4. Os requerimentos de habitação ao concurso por parte de beneficiários (ou casados beneficiários) de Caixas de Previdência, devem ser entregues até ao dia 1 do próximo mês de Agosto (inclusivé) nas respectivas instituições de previdência.

Os requerimentos dos restantes concorrentes devem ser entregues dentro do mesmo prazo, na Delegação do Instituto Nacional de Trabalho e Previdência, em Aveiro.

5. Todos os esclarecimentos podem ser prestados nas Caixas de Previdência, na referida Delegação do I. N. T. P. e na 4.ª Secção da Direcção-Geral da Previdência e Habitações Económicas — Rua da Junqueira, n.º112, em Lisboa.

Lisboa, 1 de Julho de 1966

Litoral - 9 - Julho - 1966
Ano XII — Número 609

Ministério das Comunicações
Junta Central de Portos
Junta Autónoma do Porto de Aveiro

Anúncio

Concurso público para o fornecimento e montagem de um motor Diesel e respectivo conjunto propulsor, destinado a uma lancha para serviço de reboque

Faz público que no dia 4 de Agosto de 1966, pelas 15 horas, na Junta Autónoma do Porto de Aveiro, sita na Avenida Dr. Lourenço Peixinho, 110-2.º, em Aveiro, proceder-se-á perante a comissão para esse fim nomeada, à recepção e abertura de propostas para arrematação do fornecimento e montagem acima mencionados.

Para ser admitido ao concurso é necessário efectuar na Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência, suas Filiais, Agências ou Delegações o depósito provisório de 3 500$00, mediante guia passada pelo próprio concorrente segundo modelo que figura no processo.

O depósito definitivo será de 5% do valor da adjudicação.

O processo do concurso está patente todos os dias úteis, dentro das horas de expediente, na Junta Autónoma do Porto de Aveiro e na Junta Central de Portos, rua de S. Nicolau, 13-3.º, em Lisboa.

Aveiro, 1 de Julho de 1966

O Vice-Presidente da Junta, em Exercício,
Carlos G. Gomes Teixeira

Litoral ★ Ano XII ★ 9-7-966 ★ N.º 609

SECRETARIA JUDICIAL
COMARCA DE AVEIRO

Anúncio

1.ª Publicação

Faz-se saber que pela segunda Secção do primeiro Juízo da Comarca de Aveiro correm éditos de vinte dias, contados da segunda e última publicação deste anúncio, citando os credores desconhecidos dos executados Mário de Oliveira Lopes e mulher Maria Helena Ramalheira, residentes na Rua dos Combatentes da Grande Guerra, número cento e seis, desta cidade de Aveiro, para no prazo de dez dias, posterior ao dos éditos, deduzirem, querendo, os seus direitos na Execução Sumária que o exequente Bernardino Augusto da Silva, casado, comerciante, da Rua Engenheiro Silvério Pereira da Silva, número dezoito, desta cidade, move contra os ditos executados, desde que gozem de garantia real sobre os bens penhorados.

Aveiro, 8 de Junho de 1966

O Escrivão de Direito,
Alcides Viriato Sequeira

Verifiquei:
O Juiz de Direito,
Silvino Alberto Villa Nova

Litoral ★ Ano XII ★ N.º 609 ★ 9-7-966

INAUGURAÇÃO DA NOVA FÁBRICA DA COMPANHIA AVEIRENSE DE MOAGENS

Continuação da última página

uma velha e desactualizada fábrica de moagem que concentrou na que já possuía e assim se integrou nas condições exigidas pela legislação decretada.

E, com um auxilio financeiro da F. N. I. M., construiu este amplo edificio e adquiriu nova maquinaria fornecida pela «Buher», um dos mais cotados fabricantes no meio internacional de moagem.

Para esta nova instalação, que vai melhorar não só o rendimento económico do trigo, mas também a qualidade dos produtos fabricados, a moenda respectiva foi calculada para 52 800 quilos por 24 horas, distribuida por três turnos, como aliás está previsto pelo Decreto n.º 43 023, quando a antiga instalação apenas laborava 24 480 quilos nas 24 horas, ou menos de metade do que agora se poderá moer.

Sendo a nossa actual cota de rateio muito menor do que esta nova instalação poderá fazer, fica a nova fábrica apta a reunir novas posições de moenda, por uma natural concentração. E, para o caso previsto de aumento de laboração, já ao lado desta fábrica se reservou a área necessária para a construção de silos, hoje absolutamente indispensáveis para o funcionamento de uma grande instalação de moagem.

A Direcção da Companhia Aveirense de Moagens, com esta inauguração, cumpriu a sua obrigação, dando pelo seu lado plena satisfação ao Decreto n.º 43 023.

Apresento aos ilustres membros do Governo aqui presentes, quer em meu nome pessoal, quer em nome do Conselho de Administração da Companhia Aveirense de Moagens os meus melhores cumprimentos e agradecimentos pela sua amável presença.

Também iguais cumprimentos e gratos agradecimentos vão para o Ex.mo sr. Governador Civil, que tanto se tem empenhado pelo desenvolvimento industrial do Distrito, e para os srs. Presidente da Câmara Municipal, Delegado do Governo junto da Federação Nacional dos Industriais de Moagem, Deputados pelo Circulo de Aveiro, Presidente e Directores da F. N. I. M., autoridades civis e militares e demais convidados e bem assim para os senhores accionistas presentes.

Aos representantes da Imprensa, sempre tão simpáticos e amáveis, apresento também os meus sinceros cumprimentos; e, sem melindre para a grande Imprensa, desejo destacar nestas minhas saudações, os representantes dos jornais locais.

Falou, depois, o Presidente da Direcção da Federação Nacional dos Industriais de Moagem, sr. Albino Carneiro, que afirmou:

Pela primeira vez dignou-se V. Ex.ª, sr. Secretário de Estado, honrar a indústria de moagem, visitando uma das suas unidades.

Esta visita reveste-se de um significado muito especial para este sector de actividade.

Efectivamente, no momento em que V. Ex.ª se debruça sobre o planeamento industrial para o espaço português, afigura-se-nos do maior interesse o contacto pessoal com as actividades privadas da Nação, pois, a nosso ver, só assim se torna possivel ajuizar com maior segurança, das realidades da estrutura industrial do País.

Está fora de dúvida que o desenvolvimento industrial português se deve processar com a maior celeridade, mas não deve esquecer-se, sem se correr grave risco, que se torna indispensável que as indústrias instaladas, ou a instalar, têm de dispôr dos meios suficientes para poderem actuar em paralelo com as congéneres do exterior que, amanhã, serão, inevitàvelmente, suas directas concorrentes.

E não é com unidades feitas à medida das escassas disponibilidades materiais e conhecimentos técnicos de cada um, ou estudadas à luz da atrofiada mentalidade industrial em que temos vivido, do ponto de vista tecnológico e económico, que o País conseguirá industrializar-se a nível competitivo.

A existência de regulamentação doutrinária, a consciencialização do valor do trabalho e o cuidadoso estudo do licenciamento são factores básicos para o planeamento industrial e podem — e devem — evitar a pulverização de unidades fabris que tantos embaraços têm causado e estão a causar ao desenvolvimento económico do País.

Essas micro-unidades, cuja pequenês não está na dimensão dos edificios, mas na baixa rentabilidade e diminutos salários que pagam, dadas as suas limitadas possibilidades, jamais poderão colaborar na melhoria do nível de vida das classes trabalhadoras, nem tão pouco no crescimento económico com o ritmo e a segurança que todos os bons portugueses ambicionam.

São defeitos a corrigir com o coração, mas também com a energia e rapidez que as circunstâncias actuais não só aconselham como. até, impõem.

A emigração de mão-de-obra, a que vimos assistindo, aconselha a rever as condições de trabalho e estas só podem ser honestamente corrigidas pelos empresários que disponham de unidades com poder de rentabilidade.

Felizmente, a indústria de moagem de trigo com peneiração, ao dar execução ao disposto do Decreto-lei n.º 43 023, demonstrou ter-se apercebido da grave situação que tem de enfrentar, pois a partir da publicação deste diploma, em 1960, já encerrou 8 fábricas e, 32 das 69 actualmente existentes, actualizaram o seu equipamento com redução das respectivas linhas de fabrico.

Este movimento reflecte a preocupação da indústria.

A unidade que V. Ex.ª acaba de inaugurar é um dos exemplos da percepção a que acabo de me referir, pois a Companhia Aveirense de Moagens, além de ter adquirido uma velha fábrica para concentrar com a que já possuia, ergueu uma outra totalmente nova e actualizada para substituir aquelas.

Este enriquecimento da indústria nacional tem a valorizá-lo o grande sacrifício da empresa para o tornar uma realidade.

Mas, sr. Secretário de Estado, todos os sacrifícios feitos pela indústria no sentido de dotar o País com uma rede de silos para arrecadar os trigos destinados ao abastecimento público, com tentativas de reabsorção da capacidade excedentária, com a deslocação de unidades para melhoria de localização em relação ao abastecimento e com a modernização das fábricas de maneira a poderem laborar com os mais baixas custos de fabrico, resultarão nulos se não lhe forem facilitadas as condições de trabalho que as circunstâncias actuais impõem.

Trata-se duma indústria disciplinada que tem prestado a mais dedicada e leal colaboração à Governação Pública, mercê da qual, me apraz aqui sublinhar, durante os 32 anos de existência do seu órgão de representação corporativa — a Federação Nacional dos Industriais de Moagem — nunca deu lugar ao mais ligeiro problema no abastecimento de farinhas ao País, ou, mais expressivamente de pão.

Somos, portanto, «soldados da paz» e é com esta qualidade, sr. Secretário de Estado, que nos dirigimos a V. Ex.ª a solicitar-lhe que a indústria transformadora dos cereais panificáveis seja encarada à luz das realidades presentes.

É modesto o que lhe pedimos e visa, principalmente, os interesses da Economia Nacional: quero referir-me à baixa utilização das fábricas com o nível técnico da que V. Ex.ª acaba de inaugurar, quando grandes quantidades de trigo continuam a ser laboradas em rudimentares instalações, o que, além dos graves inconvenientes de ordem higiénica para o consumidor, se traduz em pesado encargo para o País.

Infelizmente, somos importadores de cereais panificáveis e, por isso, se impõe que deles tiremos todo o rendimento que a moderna técnica possibilita.

É esta a politica que a Direcção da F. N. I. M. tem seguido e que parece não ter sido ainda bem compreendida, apesar de ela ser a mesma que está a ser adoptada pelos mais evoluidos países do Mundo ,mas confiamos em que o actual Ministério da Economia reconheça a razão que nos assiste.

Por ùltimo, discursou o sr. Rafael Amaro da Costa, Secretário de Estado da Indústria, que proferiu as seguintes palavras:

Pedi a V. Ex.ª, sr. Ministro do Interior, o obséquio de franquear a entrada nesta unidade industrial e isso basta para significar o profundo agrado com que nos encontramos junto de V. Ex.ª e V. Ex.ª connosco.

Como disse o sr. Presidente da F. N. I. M., este estabelecimento representa mais um marco na batalha da paz no País; e, efectivamente, dizendo respeito a um sector essencial do abastecimento público, ele interessa particularmente a V. Ex.ª sr. Ministro do Interior; por isso, duplo é o prazer de o termos connosco numa unidade que se reveste desta característica especial para V. Ex.ª.

Quando o sr. Governador Civil e o sr. Comendador Egas Salgueiro tiveram a amabilidade de me convidar a vir aqui, acedi gostosamente, por diversas razões. Uma, o grande gosto que tenho sempre em visitar o Distrito de Aveiro, tratando-se de uma região operosa, de um alto índice industrial, dos mais elevados do País e não quereria deixar de aproveitar essa oportunidade, que assim me foi proporcionada e assim significar o grande apreço em que tenho esta região e a actividade de todos os que nela trabalham e vivem.

A moagem não será, pròpriamente, uma indústria transformadora, sendo-a, efectivamente. Mas tem uma característica especial, que a coloca um tanto à parte daquelas que têm ou que produzem produto acrescentado mais sensivel; por força das circunstâncias, esta não contribui para o produto bruto do País como aquelas outras a que me quero referir em especial e de que Aveiro também é rico e marca um lugar do maior destaque.

Uma particularidade quero acentuar nesta cerimónia, em poucas palavras, pois tenho o propósito de não me alongar mutio.

Esta unidade, que já vem de muito tempo atrás, umas dezenas de anos, sucessivas transformações e passagens de empresários, transformou-se, como disse o sr. Presidente da F. N. I. M., numa unidade de grau mais moderno que podemos encontrar nesta indústria.

É com o maior agrado que se verifica esta vontade de progresso da empresa, que, graças a Deus, é comum à maioria dos empresários, e se também é certo que ainda há um grande número, como disse o sr. Presidente da F. N. I. M., tanto neste sector como noutros que mantêm umas actividades, digamos, marginais, e que precisam de caminhar muito no sentido de se reorganizarem, tendo até, na indústria da moagem um exemplo para seguir, é bom termos presente que essa reorganização depende, antes de tudo, da vontade dos próprios empresários. Reorganizações forçadas são, pràticamente, inviáveis. Aquilo que não estiver na vontade, deliberada, dos diversos interessados, será muito difícil de conseguir. Por isso, é na mão deles que nós temos de depositar o progresso do País, o progresso industrial, no seu próprio interesse. Nós limitámo-nos a apelar para que tenham essa compreensão e propomo-nos auxiliar em tudo o que estiver ao nosso alcance.

É com a maior satisfação que vejo a vontade de progredir que esta empresa evidenciou ao montar uma unidade moderna, a um nivel que todos acabámos de verificar.

Mas outra nota, ainda, desejava salientar e que também pode servir de exemplo para todos os outros empresários, de todos os outros ramos. É a ideia de não ficar por aqui, é a ideia de continuar, já deixando reservado espaço para a ampliação dessa unidade. Quer dizer que não conta o passado, o presente tão pouco e o futuro é que se procura servir. Esta nota creio eu que devia estar presente na mente de todos os empresários portugueses. E o sr. Comendador Egas Salgueiro dá um exemplo como outros tantos já têm dado na sua vida de trabalhadores incansáveis em diversos sectores.

Por isso, só aspiro a que as bênçãos de Deus que V. Ex.ª Rev.ma lançou sobre esta unidade se traduzam para a empresa e para todos os que nela trabalham uma fonte perene de êxitos para seu bem e de todos nós.

Pelas 19.30 horas, na Casa de Chá do Parque, foi oferecido um jantar àqueles membros do Governo, às autoridades locais e a outros convidados da Companhia Aveirense de Moagnes.

Aos brindes, usaram da palavra os srs: Dr. Sousa Machado, Presidente do Conselho Geral da F. N. I. M., que se congratulou pela inauguração e fez várias considerações sobre a importância dos melhoramentos introduzidos na nova unidade fabril aveirense; Dr. Manuel Louzada, Chefe do Distrito, que agradeceu a presença dos membros do Governo, salientando o significado da sua vinda a Aveiro, como reconhecimento da importância do nosso Distrito em todos os aspectos da vida económica, e que dirigiu cumprimentos ao Prelado da Diocese e aos dirigentes da Companhia Aveirense de Moagens; e Dr. Santos Júnior, Ministro do Interior, que disse ser sempre com grande prazer que visita «a região de Aveiro, das mais belas e progressivas do País», e relevou a importância do empreendimento agora levado a termo pela Companhia Aveirense de Moagens, cujos dirigentes felicitou.

Ecos de dois grandes acontecimentos

Continuação da última página

regressar — e aqui estamos, vivendo ainda, todavia, as encantadoras recordações das horas maravilhosas passadas em Aveiro, que minha mulher e eu cordialmente nos apressamos a agradecer-vos.

As impressões de viajantes que fomos, somam-se as do filatelista que sou; e, nesta qualidade, quero felicitar-vos calorosamente pelas duas realizações aí levadas a efeito com impecável organização, testemunhando-vos, simultâneamente, o grande interesse que me despertaram. Tanto a Exposição como o Congresso constituiram acontecimento de vulto e demonstração inequívoca de que a Filatelia portuguesa vive animada do desejo de fazer cada vez melhor. Ardentemente desejo que uma e outra daquelas importantes realizações alcancem a merecida repercussão e que as promessas oficiais correspondam aos mais válidos encorajamentos.

Não me é possível felicitar todos os que contribuiram para o brilho daquelas importantes iniciativas, nem me é fácil, neste momento, agradecer as manifestações de hospitalidade com que nos cumularam. Permito-me, por isso, devolver às nossas atribuições de Presidente o encargo de transmitir, a cada um dos elementos da organização que tanta admiração nos suscitou, amigos cumprimentos e o nosso profundo reconhecimento, tanto como o desejo de que possamos conjuntamente clamar de novo: «Viva o Clube dos Galitos e viva a sua Secção Filatélica!»

Mais particularmente, minha mulher e eu queremos patentear ao sr. Relógio a nossa indelével gratidão pelo familiar acolhimento com que tanto nos honraram no vosso próprio lar. Minha mulher pede que transmita a sua Ex.ma Esposa quanto ficou sensibilizada pelas constantes atenções que lhe prodigalizou e pela salicitude com que lhe mostrou coisas tão belas, enquanto os meus deveres de membro do Júri me forçavam a afastar-me dela. Vivamente ansiamos por manifestar-vos o nosso reconhecimento, quando puderdes vir a França — e bem sabeis que vos aguardamos aqui como verdadeiros amigos.

Formulamos os melhores votos por que o vosso Luizinho continue nos estudos com o mesmo brilhantismo, para que se faça um homem de quem os pais continuem justificadamente orgulhosos.

Caros Amigos: uma vez mais, obrigados! Obrigados a todos! E ajuntaremos: até breve! — como melhor augúrio do nosso lar para o vosso lar.

a) — Marc DHOTEL

Cartaz de Espectáculos

Teatro Aveirense

Ver anúncio em separado

Cine - Teatro Avenida

Sábado, 9 — às 21.30 horas

Maciste contra o Czar – um filme com Kirk Morris, Massino Serato e Gloria Milland.

Para maiores de 12 anos.

Domingo, 10 – às 15.30 e às 21.30 h.

Mistério no Alto da Falésia – uma pelicula interpretada por Edith Evans, Felix Aylmer e Elisabeth Sellars.

Para maiores de 17 anos.

Quinta-feira, 14—às 21.30 horas

Com Jeito Vai... Cleópatra — uma produção inglesa, com Sidney James, Kenneth Williams e Amanda Barrie.

Para maiores de 17 anos.

Novo Presidente da JUNTA AUTÓNOMA

Continuação da primeira página

para além dos nomes autorizados que encabeçaram a suprema administração da Junta, o organismo representa papel de primordial relevância na economia da região e do país.

A portaria de 21 de Maio, publicada na folha oficial de 18 do mês transacto, deveria ter sido sido subscrita pelo ilustre Ministro das Comunicações, sr. Eng.º Carlos Ribeiro, sem a mínima hesitação: o distinto estadista, atento à ingência dos serviços dependentes da sua pasta, sabe, de sobejo, quanto requere de sacrifício, ponderação, inteligência e específicos conhecimentos uma operosa acção nos múltiplos problemas portuários de Aveiro; de sobejo sabe quanto, muito para além dos interesses locais, está destinado — e se exige! — ao nosso porto; e sabe de sobejo que, para tão grandiosa tarefa, o nome do sr. Eng.º Carlos Gamelas Gomes Teixeira tem o aval de quantos, sem sombra de favor, lhe reconhecem, a par de qualidades ímpares de inteligência, a exemplar rectidão de carácter e a mais admirável das isenções.

O novo Presidente da Junta Autónoma herdou, dos seus antecessores, grandes responsabilidades; mas as responsabilidades avolumaram-se-lhe com a crescente valorização que se tem imposto — e, cada vez mais, se continua a impor — ao porto de Aveiro, nas múltiplas facetas do mais amplo aproveitamento das suas incontestáveis virtualidades. Mas, porque a Junta Autónoma tem na sua presidência um homem talhado à medida da missão que lhe compete, há que felicitar o sr. Ministro pela acertadíssima escolha, há que confiar no homem escolhido — e desejar-lhe, a bem de Aveiro e da economia nacional a melhor fortuna ao desempenho das elevadas funções que, em tão boa hora, foi chamado a desempenhar.

IATES ESTRANGEIROS EM AVEIRO

Com pequeno intervalo, estiveram em Aveiro, fundeados no Canal Central, dois iates de recreio estrangeiros, cujos tripulantes — em viagem de turismo e vilegiatura — incluíam a nossa cidade nos respectivos itinerários.

Em fins de Junho, visitou-nos um casal irlandês, que viajava no iate «Arran Lad», de Dublin, acompanhado por um filho, e, desde o último sábado até segunda-feira, dia em que seguiu viagem para o Porto, esteve em Aveiro o curiosíssimo iate-caravela «Ermelinda», de Londres, tripulado pelos ingleses Mr. Guy Harrington Bellairs e esposa, e ainda pelo marinheiro Wendy.

A presença, nas tranquilas águas da Ria de Aveiro, destes dois barcos estrangeiros despertou compreensível curiosidade entre os aveirenses. E, ao mesmo tempo, veio trazer-nos nova e consoladora prova de que é uma certeza o fácil e útil acesso a Aveiro, pela nossa Barra.

Por isso, e muito jubilosamente, aqui relevamos a notícia do acontecimento — que, sem dúvida, se reveste de especial significado para a nossa terra.

POSTO ALFANDEGÁRIO DO PORTO DE AVEIRO

O crescente volume do trânsito de mercadorias e a projecção actual do Porto de Aveiro determinaram que, superiormente, o Ministério das Finanças, através do sr. Director-Geral das Alfândegas, criasse nesta cidade um Posto de Alfândega.

Assim, e sob solicitação do Chefe do Distrito, prontamente deferida, foi há pouco criado o Posto Alfandegário do Porto de Aveiro — organismo com total autonomia e com um quadro de funcionários próprio, a completar em Outubro do ano corrente.

Entretanto, foi transferido de Valença e colocado em Aveiro, como Chefe do aludido Posto de Alfândega, o sr. Dr. Alves dos Santos, que já se encontra a trabalhar nesta cidade.

Ecos de dois grandes acontecimentos

— Continuação da primeira página

Ferreira Relógio, dinâmico Presidente da **Secção Filatélica** e da Comissão Executiva da **I Exposição Filatélica Nacional Temática.**

É um documento particular; não nos foi fácil, por isso, convencer o seu ilustre destinatário a consentir em que o déssemos à estampa — mas, felizmente, acabaram por prevalecer as razões que invocámos: a carta é testemunho eloquente de válidos juízos sobre Aveiro, sobre a hospitalidade dos aveirenses e sobre os dois grandes acontecimentos filatélicos aqui levados a efeito.

Segue o texto:

Fédération Internationale de Philatélie

Paris, 18 de Maio de 1966

Meu caro Presidente e Amigo:

Se os dias felizes não tivessem fim, estaríamos ainda em Aveiro, gozando da vossa hospitalidade, tão generosa quanto atenta em prescrutar e em satisfazer os nossos mínimos desejos; mas, infortunadamente, foi-nos preciso

Continua na página 9

Foi inaugurada a moderna fábrica de trigo da

COMPANHIA AVEIRENSE DE MOAGENS

No último sábado, como aqui se anunciou, e dentro do ciclo das comemorações do 40.º aniversário da Revolução Nacional, foi inaugurada, nesta cidade, uma fábrica da Companhia Aveirense de Moagens, destinada à produção de farinhas espoadas de trigo.

Integrada no vasto conjunto fabril da importante empresa aveirense, a moderníssima unidade — ao nível do que há de melhor em todo o Mundo — importou em cerca de 13 500 contos, verba dispendida na construção do edifício (de cinco pisos) e de outras instalações complementares e na aquisição da maquinaria «Buhler», de origem suiça, com que foi equipada a fábrica.

A nova unidade fabril fará um aproveitamento total do trigo, tendo capacidade para produzir 52 800 kgs. por dia, laborando em três turnos, preenchendo as 24 horas diárias.

Presidiu à cerimónia inaugural o sr. Eng.º Rafael Amaro da Costa, Secretário de Estado da Indústria, que chegou à Companhia Aveirense de Moagens acompanhado pelo sr. Dr. Alfredo dos Santos Júnior, Ministro do Interior, e pelo sr. Dr. Manuel dos Santos Louzada, Governador Civil de Aveiro.

Aqueles membros do Governo e o Chefe do Distrito foram recebidos pelos Directores-delegados da Companhia Aveirense de Moagens, srs. Comendador Egas Salgueiro e Alberto Casimiro Ferreira da Silva, e pelos restantes membros do seu Conselho de Administração, srs. Alfredo Esteves, Pedro Grangeon Ribeiro Lopes e Dr. Manuel Esteves.

Encontravam-se também presentes, além das diversas autoridades e entidades oficiais da cidade e do Distrito, os srs: Dr. Sousa Machado, Albino Carneiro e Dr. Engrácio Lopes, respectivamente Presidente do Conselho Geral, Presidente da Direcção e Director da F. N. I. M.; Eng.º-agr.º José Carvalho Monteiro, Chefe dos Serviços da Indústria de Moagem do Instituto Nacional do Pão; Eng.º Joaquim Neto Murta, Director da II Circunscrição Industrial, com sede em Coimbra; Eng.º Ruben Valente, do Gabinete Técnico da F. N. I. M.; Miguel Carvalhal Soares e Ilídio Nogueira, Chefes de Serviços da F. N. I. M.; Eng.º Karl Eizeler, representando a firma suiça «Buhler»; e Dr. António Osório Vaz, Governador Civil de Lisboa.

À entrada do edifício, o sr. Secretário da Indústria pediu ao sr. Ministro do Interior que cortasse a fita simbólica; e a Banda do Asilo-Escola Distrital tocou, então, o «Hino da Maria da Fonte». Já dentro da fábrica, e antes da visita que se seguiu, orientada pelo técnico de fabrico sr. Mariano de Almeida, o venerando Bispo de Aveiro, sr. D. Manuel de Almeida Trindade, benzeu a nova unidade industrial e proferiu breves e muito expressivas palavras alusivas a essa cerimónia. O sr. Eng.º Amaro da Costa foi convidado, depois, para pôr em funcionamento a fábrica, fazendo a ligação eléctrica das suas máquinas, no quadro de comando.

Terminada a visita a todas as instalações da fábrica, realizou-se uma breve sessão solene, em que usou primeiramente da palavra o sr. Comendador Egas Salgueiro, Director-Delegado da Companhia Aveirense de Moagens, cujo discurso a seguir publicamos:

Para V. Ex.ª Reverendíssima, sr. D. Manuel de Almeida Trindade, querido Bispo da nossa Diocese, vai a minha maior gratidão, quer como Administrador da Companhia Aveirense de Moagens, quer como católico convicto, pela Graça da Bênção que se dignou lançar sobre este novo estabelecimento industrial, fazendo ao mesmo tempo votos pela continuação da saúde de V. Ex.ª Reverendíssima para que, por longos anos, permaneça entre nós ao serviço de Deus e da nossa Diocese.

Ex.mos Membros do Governo

Ex.mos Senhores

Tivemos o maior prazer em que V. Ex.ª, sr. Secretário de Estado da Indústria, tivesse vindo presidir à inauguração desta nova fábrica de moagem, assim como da presença a este mesmo acto de Sua Ex.ª o Senhor Ministro do Interior.

A presença de V. Ex.as revela bem o real interesse que o Governo tem pelo desenvolvimento do potencial industrial do País, de que a moagem de trigo é um dos grandes esteios.

Com a constituição da Federação Nacional dos Industriais de Moagem, em 1934 — já dentro da actual situação política, que comemora no presente ano o seu quadragésimo aniversário — melhorou substancialmente, ou melhor, decisivamente, o estado em que se encontrava esta indústria, assoberbada pela grande quantidade de fábricas que repartiam entre si, sem outro critério que não fosse a mais desordenada concorrência, uma capacidade de laboração três vezes e meia mais do que a necessária para o abastecimento de toda a população portuguesa.

Fácil é supor o que seria a vida dos industriais de moagenm de trigo em tão caótica situação.

Feita pela F. N. I. M. a indispensável correcção ao número das fábricas existentes, pela expropriação voluntária das que eram a mais, e regulamentada a actividade das restantes sob as directrizes corporativas da F. N. I. M., entrou esta indústria, pouco a pouco, a disciplinar-se, e durante alguns anos usufruiu uma fase de maior desafogo económico.

Mas os anos vão passando, e o que ontem servia já hoje não serve, tudo se desactualiza, desde a maquinaria à forma de distribuição de produtos pelos mercados consumidores. Assim, também a indústria de moagem não podia fugir às consequências da passagem do tempo, e daí a necessidade de ser reformada a vida desta indústria, base do mais necessário alimento humano, o pão.

Filiado nestas razões se publicou o importante e saneador Decreto n.º 43 023, da autoria do Eng.º Dias Ferreira, que nessa data exercia o delicado cargo de Ministro da Economia, e para quem vão neste momento as minhas saudações.

Para cumprimento desse Diploma, a Companhia Aveirense de Moagens adquiriu

Continua na página 9

Uma das grandiosas dependências industriais da nova fábrica de moagem de trigo

Ex.mo Sr.
João Sarabando 1-820
AVEIRO